

Espiritualidade e religião a serviço da saúde integral na sociedade paliativa

Spirituality and religion at the service of comprehensive health in the palliative society

*Antonio de Lisboa Lustosa Lopes¹
Renan Mascarenhas Santos²*

RESUMO

A saúde é um dos direitos inalienáveis do ser humano, mas isso não impede que existam fatores e enfermidades que o façam adoecer. O presente artigo propõe-se a apresentar a contribuição da espiritualidade e da religião no processo curador e integrador dos sofrimentos humanos. Para isso, o ponto de partida é a análise de Byung-Chul Han a respeito da sociedade atual, na qual parece prevalecer a algofobia, a angústia excessiva diante da dor. O surgimento de paliativos como remédios e tantas formas de entretenimentos mascaram a dor e impedem que a humanidade tenha contato com a sua própria limitação e finitude. A partir deste cenário, o artigo aborda a importância da religião e da espiritualidade por oferecerem sentido às dores e os sofrimentos, e potencializarem a saúde em sua dimensão integral, isto é, na promoção da saúde física, mental e espiritual das pessoas.

PALAVRAS-CHAVE

Saúde; Espiritualidade; Religião; Dor; Paliativo.

ABSTRACT

Health is one of the unalienable rights of human beings, but this does not prevent the existence of factors and illnesses from making them ill. This article aims to present the contribution of spirituality and religion in the healing and integrating process of human suffering. The starting point for this argument is Byung-Chul Han's analysis of today's society, in which algophobia, excessive anguish in the face of pain, seems to prevail. The emergence of palliatives such as medicines and so many forms of entertainment mask pain and prevent humanity from encountering its own limitations and finitude. Based on this background, the article

¹ Docente da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUCSP, doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – São Paulo, SP – Brasil.

² Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, SP – Brasil.

discusses the importance of religion and spirituality in offering meaning to pain and suffering, and enhancing health in its integral dimension, that is, in promoting people's physical, mental, and spiritual health.

KEYWORDS

Health; Spirituality; Religion; Pain; Palliative.

Considerações iniciais

O paradigma tecnocrata trouxe enormes dificuldades para o ser humano nos processos de cuidados com a vida. Apesar da vocação humana ao desenvolvimento, este não se constituiu propriamente uma realidade integral para a humanidade, mas em fenômeno de restrição e exclusão. Isto é, muita gente vem sendo alijada dos processos comuns de desenvolvimento ancorados nas tecnologias de informação e comunicação.

Em se tratando da humanidade, é difícil compreendê-la subtraindo-lhe os elementos com os quais ela lida com os limites existenciais, entre os quais a religião e a espiritualidade. Estas não podem ser simplesmente descartadas a despeito da ilusão de que as novas tecnologias comportam soluções para todos os problemas da vida.

Tomando a problemática da saúde como uma questão humana que é abordada pela espiritualidade religiosa, aqui se buscará tematizar a dor humana e a ilusão da positividade pós-moderna. Problematizando o sistema de dominação da sociedade do desempenho, aduzir-se-á a espiritualidade e a religião como caminhos criativos e recriadores de humanidade, sem ilusões e com esforço de apropriação dos limites e da dor como atitude de garantia da saúde existencial.

1. A hodierna resistência à dor

“A nossa relação com a dor mostra em que sociedade vivemos. Dores são cifras. Elas contêm a chave para o entendimento de toda a sociedade”³. As palavras de Byung-Chul Han avultam a temática da dor e a insere como termômetro para compreender a atual sociedade marcada pelo paliativo. O excesso de cobranças, a busca pela excelência nos resultados e a potencialização na produção são sintomas de uma sociedade que parece ter o desempenho como grande valor, para o qual tudo deve convergir. Em meio a esse frenesi, como pensar a dor senão como fraqueza, como um obstáculo na caminhada diante do qual a redução da velocidade é obrigatória?

Além do desempenho, a felicidade parece ser o princípio que rege a humanidade. É verdade que o entendimento de felicidade foi sendo construído ao longo da história. Hoje, influenciada pelo capitalismo de consumo, a felicidade deixou de apontar um futuro utópico para concentrar-se no tempo presente.

³ HAN, Byung-Chul. *Sociedade Paliativa: a dor hoje*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. p. 8.

Não mais a promessa de uma salvação terrestre por vir, mas a felicidade para já, esvaída da ideia de astúcia da razão e da positividade do negativo. A plenitude exaltada pelos tempos consumistas não depende mais de um pensamento dialético: é eufórica e instantânea, exclusivamente positiva e lúdica. O discurso profético foi substituído pela sagração do presente hedonista veiculado pelas mitologias festivas dos objetos e dos lazeres.⁴

Ressignificada, a felicidade tornou-se sinônimo de progresso, facilidade e satisfação dos próprios prazeres. A recusa à dor enquanto não-felicidade é financiada pela medicalização e farmacologização com a proliferação de analgésicos. Surge a chamada “trindade farmacológica da felicidade” para atender os níveis físico, psíquico e sexual: *xenical*, *prozac* e o *viagra*⁵. Revelam-se, assim, duas características do consumidor da hipermodernidade: o seu ímpeto consumista para superar imediatamente a dor através da compra (sinto, logo compro), e a sua incapacidade de demorar na dor.

À medida que se afirma o princípio de soberania pessoal sobre o corpo, o indivíduo confia sua sorte a ação de substâncias químicas que modificam seus estados psicológicos “de fora”, sem análise nem trabalho subjetivo, apenas importando a eliminação imediata dos dissabores (fadiga, insônia, ansiedade), a eficácia mais rápida possível, o desejo de produzir estados afetivos “sob encomenda”. É por um consumo passivo de moléculas químicas que se manifesta aqui a exigência de soberania individual. Se esses recursos banalizados da psicofarmacologia mostram um desejo individualista de controle do corpo e do humor, eles ilustram, ao mesmo tempo, uma certa impotência subjetiva, renunciando o sujeito a todo esforço pessoal ao entregar-se a onipotência dos produtos químicos que agem sobre ele, sem ele. As soluções de nossos males não são mais procuradas em nossos recursos interiores, mas na ação das tecnologias moleculares que, ainda por cima, não deixam de causar tolerância. O indivíduo desejoso de dirigir ou de retificar a seu gosto sua interioridade transforma-se em indivíduo “dependente”: quanto mais é reivindicado o pleno poder sobre sua vida, mais se espalham novas formas de sujeição dos indivíduos.⁶

Uma característica da sociedade paliativa, aponta Han, é a fuga desesperada do negativo.⁷ Todavia, a frivolidade hedonística não é capaz de gerar introspecção, pelo contrário, torna a sociedade cada vez mais superficial. Desse modo, a dor é despojada do seu aspecto existencial e simbólico para ser transformada em questão técnica. Há uma difusão da “algofobia”, isto é, uma “angústia generalizada diante da dor”⁸.

A resistência à dor não é perceptível apenas na corporeidade humana, mas em outras dimensões. O tempo presente parece evitar a dor de refletir, de dialogar com o diferente, de esperar, de escolher, de amar, etc. A sociedade caminha, ingenuamente, a passos largos, para a virtualização do real, mediante a qual o sujeito é reduzido a algoritmo e o outro a um dado que fugazmente se esvai. Sonhar com uma vida sem dor é sonhar com uma vida irreal porque não há verdade que não seja dolorosa.

⁴ LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 335.

⁵ PESSINI, Leo. *Espiritualidade e arte de cuidar: O sentido da fé para a saúde*. São Paulo: Paulinas/ Centro Universitário São Camilo, 2010. p. 131.

⁶ LIPOVETSKY, 2007. p. 56-57.

⁷ HAN, 2021, p. 9.

⁸ HAN, 2021, p. 9.

Diante do grande número de pacientes e, por vezes, com baixo efetivo, os profissionais da saúde tendem a mecanizar o atendimento. Os olhos dos médicos são direcionados para as telas digitais e as mãos que deveriam tocar o enfermo são agora ocupadas em computadorizar as queixas do paciente.

A constante enxurrada de informações negativas veiculadas não impede que o indivíduo as assimile e sinta-se afetado; embora a dor da guerra, da fome e tantas outras dores noticiadas pareçam não encontrar eco na vida das pessoas. Porém, o indivíduo que foge e não encontra sentido na própria dor, como poderá compadecer-se com a dor alheia? Eis a trágica direção para a qual a sociedade caminha: o desaparecimento da empatia e da compaixão.

2. Uma luz se acende em meio às trevas

O filósofo Byung-Chul Han identificou uma crise de sentido da dor na sociedade paliativa. Mas, de fato, há sentido na dor e no sofrimento? Sofrer parece não mais fazer sentido e, aos poucos, a vida – marcada por diversos sofrimentos – também se torna insossa. Certamente que há outro modo de lidar com a dor para além de analgésicos e, aqui, não apenas o analgésico farmacológico, mas os “pequenos prazeres” que anestesiaram o indivíduo diante do real peso da dor.

Encontrar sentido para o sofrimento é compreender que este não é um ponto de chegada, mas uma travessia pela qual a condição humana está sujeita a passar. O redimensionamento do sofrimento como uma “causa” é fundamental para que o indivíduo possa ressignificar, provar as suas capacidades de superação, rever a sua própria vida e o seu modo de desfrutá-la.

Ser vulnerável, frágil e mortal é próprio da condição humana. No entanto, ao mesmo tempo que vivemos essa condição de contingência e finitude, que poderia levar-nos ao desespero de uma vida sem sentido, somos também seres abertos a um horizonte de transcendência, que possibilita uma vida com sentido.⁹

A dor física não é exclusiva ao gênero humano, afinal, os animais também compartilham desta limitação. No entanto, somente o ser humano que, ao sofrer, sabe que sofre e busca o porquê; somente ao humano é possível uma vida com sentido. Assim, entende-se que todo sofrimento para ser suportado deve ser carregado de sentido.¹⁰

Victor Frankl, fundador da logoterapia, em meio ao terrível sofrimento do campo de concentração ao qual foi submetido, entendeu que “o ser humano não é destruído pelo sofrimento, mas pelo sofrimento sem sentido”¹¹. A partir disso, elaborou o pensamento de que a vida sempre terá um sentido, ainda que esta venha a sofrer alterações, nunca deixará de existir; ao mesmo tempo, há um desejo primário de encontrar sentido por meio do qual, no uso da liberdade, escolherá a atitude a ser tomada diante do sofrimento.

⁹ SILVA, Antonio Wardison. et al. (org.). *Antropologia teológica: pensar o humano na universidade*. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.p. 140.

¹⁰ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Salvifici Doloris*. n. 9. Roma. 11 fev 1984. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html > – Acesso em 15 mai 2023.

¹¹ FRANKL apud PESSINI, 2010, p 136.

Nessa perspectiva, as religiões procuram responder sobre o sentido e outras questões basilares relacionadas à vida do ser humano. “Por que a doença? De onde viemos? Por que a morte? E depois, como será?...” Diante dessas questões vê-se que

a religião dá condições para suportar o sofrimento nas situações especiais de doença e luto. Isso não significa que a fé religiosa possa impedir o indivíduo de sofrer. O que ela faz é um pouco o inverso: torna possível enfrentar a dor, tolerá-la, enfim, torna possível sofrer [...]. A religião fornece, pois, o fio com que os homens tecem significados para situações difíceis, que sem ele, se tornariam aterradoras e insuportáveis.¹²

Cada religião proporciona ao indivíduo uma hermenêutica mais profunda da vida, tecendo-a com fios de sentido e de eternidade. No cristianismo, por exemplo, a Bíblia traz o personagem Jó que fora acometido por diversos sofrimentos como a perda de bens, da família e, por fim, de sua saúde física. Com ele, homem inocente e justo, é concebida a importante ideia do sofrimento que é visto não apenas como castigo, mas como lição e “possibilidade de reconstruir o bem no próprio sujeito que sofre”¹³.

Embora Jó seja um personagem que se tornou símbolo de paciência, docilidade e fé, seu sofrimento não se compara ao de Jesus Cristo, o qual, sem culpa quis sofrer o peso do mal e do pecado, tornando o seu sofrimento efetivamente redentor. A partir de Jesus, o cristão une o seu sofrimento ao de seu Mestre para que receba dele a força, a perseverança e o prêmio da vitória. Ademais, em meio à dor e ao sofrimento, o ser humano faz a experiência de sua própria finitude e pode intensificar e tornar mais íntima a sua relação com Deus.

No entanto, surgem também religiões ou iniciativas religiosas que são vividas em estilos de fanatismos e fundamentalismos cujas consequências são danosas e perigosas para a própria saúde física e mental. Além disso, outro fator presente é a frequente tentativa de reduzir Deus a um taumaturgo que satisfaz as necessidades do “crente”, ou ainda, a ideia de que o simples fato de crer tornaria o crente imune às contrariedades da vida. Não são poucos também os que se aproveitam da perspectiva curadora da fé com interesses econômicos, dando origem ao “mercado da fé”. O fato é que o bom êxito dessa prática revela, tão somente, a presença de patologias sociais e espirituais na atual sociedade. É preciso esclarecer que a religião

não se propõe a eliminar a perplexidade, o mal ou o sofrimento, mas a situá-los dentro de um quadro referencial de sentido. A questão não é tanto “como evitar o sofrimento, mas como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota diante do mundo ou da impotente contemplação da agonia alheia algo tolerável, suportável, sofrível”.¹⁴

É inegável o auxílio da ciência e a sua contribuição para a vida humana, contudo ela revela-se insuficiente para responder as aspirações e angústias mais profundas do ser humano como a dor diante do vazio existencial. As religiões, portanto, tem como função essencial “dar sentido à existência humana no presente”¹⁵.

¹² MACEDO apud VASCONCELOS, Eymard Mourão. (org). *A espiritualidade no trabalho em saúde*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 165.

¹³ JOÃO PAULO II, 1984, n. 12.

¹⁴ GEERTZ apud VASCONCELOS, 2006, p. 165.

¹⁵ SILVA, 2017, p. 95.

3. Por uma saúde integral do ser humano

Até aqui enunciou-se a relação do ser humano com a dor no tempo presente, que a saúde não é apenas ausência de dor e como a religião é importante para oferecer sentido à dor e ao sofrimento. A organização Mundial da Saúde (OMS) salienta a integralidade da pessoa humana ao definir saúde como “o estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”¹⁶. Consciente dessa realidade integral, o Papa Francisco, líder da Igreja católica, enfatiza que já não é possível compreender a religião enquanto âmbito privado, cuja missão seja unicamente a de preparar as almas para o céu.¹⁷

Ademais, a palavra saúde está muito ligada à palavra salvação. De acordo com Pessini:

Saúde e salvação são termos co-originais, nascidos de uma mesma raiz conceitual, e partilharam durante muito tempo a mesma sorte e um mesmo significado global, que foi separado somente muito mais tarde. Trata-se de um significado sânscrito [...] que indica “integridade” e “plenitude”. [...] Na língua latina, é emblemático o significado de *salus*, expressão que incorpora em termos recentes o significado de “saúde” e “salvação”¹⁸.

Desse modo, é possível compreender que as religiões devem “salvar” o humano na sua totalidade corporal, psíquica e espiritual. Mas como as religiões desenvolvem (ou poderiam desenvolver) esse cuidado salvífico para com a humanidade? Aqui se vislumbram algumas pistas.

3.1. Saúde física

O ser humano é um corpo e a sua corporeidade está ligada ao que aparece e perece. Não é um corpo apenas material, mas um corpo vivente, isto é, possui alma. É na dimensão corporal que o humano experimenta sensações, dores e consequências diretas de grandes problemas sociais.

A serviço da corporeidade devem ser empreendidos esforços para a erradicação da fome, mal que atinge milhões de pessoas em todo mundo. Ela fere diretamente a dignidade humana e não reconhece o princípio do bem comum. Várias – senão todas – religiões têm como princípio a caridade, que se manifesta, muitas vezes, apenas no âmbito do assistencialismo, como simples paliativo. “Cabe-nos defender os interesses de Deus, que são os interesses do pobre, do faminto. A fome ofende a Deus. A solução está nas políticas públicas eficazes”¹⁹. Como pensar um indivíduo saudável que não se alimenta?

A violência atenta diretamente contra o supremo dom da vida. Uma religião que semeia o ódio, a rivalidade e o terrorismo, não cumpre seu papel humanizador, mas é um contratestemunho.

¹⁶ TRINDADE, Karine Araújo et al. Spirituality and Health: a look through different social actors. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. e41311225874, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i2.25874. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25874>. Acesso em: 17 mai. 2023. p. 8.

¹⁷ FRANCISCO. *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. Roma. 24 nov. 2013. n. 182. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html > – Acesso em 12 mai 2023.

¹⁸ PESSINI, Leo; BARCHIFONTAINE, Christian de P. de. *Org. Buscar sentido e plenitude de vida: bioética, saúde e espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 6.

¹⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2012: Texto-Base*. Brasília, Edições CNBB. 2011. n. 113.

Assim como aquelas que não se erguem contra as guerras, o aborto, a eutanásia, o tráfico de pessoas e de órgãos e não promovem uma cultura de paz, fraternidade e liberdade (nas suas várias dimensões, inclusive religiosa). Como pensar um indivíduo saudável que convive com o ódio?

Os problemas ambientais colocam em crise a saúde da “Casa Comum”, termo utilizado pelo Papa Francisco para referir-se ao planeta Terra, casa de toda a humanidade. A crise sanitária do planeta coloca em risco a saúde das pessoas. A exposição aos poluentes atmosféricos causa grandes danos à saúde, sobretudo dos mais pobres, provocando mortes.²⁰ A falta de saneamento básico e de acesso à água potável, bem como o uso de águas contaminadas por substâncias químicas, são realidades que adoecem a vida e a dignidade de milhares de pessoas.²¹

As religiões podem contribuir com a educação das consciências para um sentido de pertença global, haja vista sua origem comum e um futuro que será partilhado por todos.²² Sobretudo para os cristãos, um crime contra a natureza é atentado contra a caridade porque ofende o Criador e o bem das criaturas. Como pensar um indivíduo saudável que não possui acesso aos seus direitos básicos de sobrevivência?

O desemprego, o salário indigno, o descarte dos idosos, a questão dos refugiados, o abandono das crianças, o abuso de menores, a supervalorização do corpo, os doentes, os que estão em filas de hospitais... são várias as questões que afetam diretamente a realidade corporal e, conseqüentemente, a totalidade da pessoa. Como é impossível separar corpo e alma, o corpo é afetado por tais situações e o espírito é impedido de voar.²³

Na história das religiões, nem sempre o corpo foi visto de maneira positiva e, inúmeras vezes, em nome da salvação da alma, condenou-se o corpo. Hoje, porém, mediante a tudo quanto foi mencionado acima, as religiões encontram um vasto campo para colaborar com a salvação da pessoa a partir da saúde corporal. É claro que há relatos e testemunhos de milagres por meio da fé, no entanto, faltam estudos mais precisos para compreendê-los, se é que isto seja possível. Contudo, diante dos grandes males que assolam o ser humano, miséria, falta de recursos na saúde pública, talvez o maior milagre que as religiões podem promover seja, justamente, o da garantia da sobrevivência.

3.2. Saúde psíquica

Além da dimensão corporal, o ser humano tem também uma psiquê com a qual entende o mundo dos sentimentos, das paixões e emoções. O elemento “fé” é primordial nas religiões e quem a tem sente-se mais forte diante das perturbações; quando é afligido por uma enfermidade, o religioso apressa-se a confiar na cura. Vários estudos e pesquisas debruçam-se sobre a influência da religião na saúde mental, nos quais podem-se notar efeitos benéficos para os crentes.²⁴

²⁰ FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum*. Cidade do Vaticano. 24 mai. 2015. n. 20. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html> – Acesso em 12 mai. 2023. (a partir daqui LS).

²¹ LS 29-30.

²² LS 202.

²³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2011, n. 12.

²⁴ MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei José Gomes. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *REBE* n. 65 (2) Abr 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000200024>. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/reben/a/tXdvKWGpyYDfKwCWMDHW-3ZG/#>> – Acesso em 15 jun 2023.

Para alguns pesquisadores, a vivência religiosa, ao inspirar pensamentos de esperança e de otimismo, bem como expectativas positivas, pode funcionar como um placebo. [...] o efeito placebo não acontece apenas por mecanismos psicológicos, mas também porque desencadeia efeitos fisiológicos no organismo. Crenças subjetivas profundas geram alterações imunológicas, hormonais e bioquímicas por mecanismos fisiológicos que apenas recentemente começam a ser desvendados.²⁵

Desse modo, as religiões tornam-se instrumentos para a saúde integral do indivíduo quando o ajuda a assumir seus medos, conflitos, dificuldades. Ocupa grande importância para a saúde mental os ritos religiosos, sejam eles públicos ou privados. Diversos autores entendem que os rituais ajudam a enfrentar o

[...] terror, ansiedade, medo, culpa, raiva, frustração, incerteza, trauma e alienação, a lidar com emoções e ameaças universais oferecendo um mecanismo para delas se distanciar [...]. Reduzem a tensão pessoal e do grupo, a agressividade, moderam a solidão, a depressão, a anomia, a sensação de não ter saída, e a inferioridade [...].²⁶

Seria um fardo deveras pesado se a religião julgasse e condenasse as limitações de seus adeptos ao invés de estender a mão para acolher e incentivar o amadurecimento. Todavia, é preciso que se pondere se as questões advêm da própria instituição ou da forma como o indivíduo vive a sua religiosidade.

Algumas maneiras de ser religioso podem ter um efeito benéfico ou prejudicial sobre a saúde. É necessário que teólogos, sacerdotes, psiquiatras ou psicoterapeutas saibam identificar quais são as características das formas de religião que podem conduzir a uma saúde mental madura e saudável e quais as que podem ser prejudiciais ou patológicas. Diferenciação entre religião saudável ou não, levando em consideração a maneira de ser religioso.²⁷

3.3. Saúde espiritual

De acordo com Junges:

Afirmar a natureza espiritual significa dizer que o ser humano não se esgota na sua dimensão corpórea e psíquica. (...) O espírito é o lugar da manifestação do sentido de todas as coisas. Assim, ele procura dar sentido à sua existência e ao seu agir, sentido que não se identifica com sua exterioridade somática nem sua interioridade psíquica, mas transcende-as, abrindo um horizonte infinito. [...] Esse horizonte transcendental de sentido possibilita a abertura contínua na busca da verdade e na realização do bem.²⁸

Afirmar a dimensão espiritual do ser humano é compreendê-lo como mais do que um simples ser vivo fechado em sua própria realidade instintiva, é compreender a sua dimensão de transcendência, isto é, sua abertura para além de si, para o outro, para as criaturas, para o Transcendente.

²⁵ VASCONCELOS, 2006, p. 80.

²⁶ NETO, Francisco Lotufo; JUNIOR, Zenon Lotufo; MARTINS, José Cássio. *Influências da Religião sobre a Saúde Mental*. São Paulo: ESETec, 2009. p. 182.

²⁷ NETO; JUNIOR; MARTINS, 2009, p. 105.

²⁸ JUNGES apud SILVA, 2017, p. 269.

Pela natureza espiritual o indivíduo exerce a consciência de si e do seu agir, bem como do uso da liberdade, da vontade e da procura do bem e da verdade. Uma religião que abusasse da consciência de seus adeptos, furtando-lhes a capacidade de pensar e exercer a liberdade, não estaria a serviço da saúde espiritual.

Com efeito, as religiões podem contribuir de modo significativo para a educação (e não substituição) da consciência e o respeito pela liberdade do sujeito. Devem, portanto, orientar para uma vivência ética pautada por grandes valores como o amor, o perdão, a compaixão e a temperança, sendo estes indispensáveis medicamentos para curar sentimentos e comportamentos. O exercício da meditação, praticado por diversos segmentos, permite ressoar os movimentos interiores e alcançar serenidade e bem-estar.

A oração e a meditação são uma oficina na qual formamos e forjamos nossas *decisões fundamentais*, na qual, após o desaparecimento da espuma passageira das *emoções*, amadurece a *vontade* de responder a Deus – não como Adão, que se escondeu no mato de suas desculpas, mas *face a face*.²⁹

Por fim, a dimensão espiritual possibilita ao homem buscar sobre o Outro, Deus, e nele mergulhar. Nas religiões judaica, islâmica e cristã, a relação com o Transcendente é dialógica, afinal, há um encontro entre o finito e o Infinito, sendo este uma Pessoa com o qual se estabelece uma aliança. Já nas religiões orientais, o Infinito, o Todo, é o Universo. Assim, há uma busca de conexão com a totalidade, a natureza.

Na tradição judaico-cristã, a religião cumpre sua missão quando não apenas discursa sobre Deus, mas leva seus adeptos à experiência de Deus. Para isso, há a premissa da fé. De acordo com Arantes:

Fé pressupõe uma entrega. Se temos fé em Deus, e fé em que ele fará o melhor por nós, não importa o que aconteça, teremos a certeza de que foi o melhor que poderia acontecer. Quando temos fé, nos colocamos em uma condição de sermos cuidados, de sermos protegidos, de nos entregarmos à sorte de ter um Deus, o Deus certo para nós. Aquele que pode nos levar ao nosso destino. Ao que precisa ser vivido. Ao verdadeiro sentido de dizer: “Que seja feita a vossa vontade”.³⁰

Em suma, a religião parece ajudar o crente a encontrar sentido para a sua vida. E isso é possível porque é promovida uma relação com o universo, com todo o criado, com o seu eu mais profundo, mas sobretudo, porque estabelece uma forte conexão com a Fonte originária da qual crê receber toda a força e salvação.

Considerações finais

O ser humano vive marcado originariamente pela real possibilidade de escolha. Inclusive o próprio fato de não querer realizar uma escolha é já, como se constata obviamente, uma decisão seletiva; e isso se constitui, no pensamento existencialista contemporâneo, uma efetiva e

²⁹ HALÍK, Tomás. *Toque as feridas: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação*. Tradução de. Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 113.

³⁰ ARANTES, Ana Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. p. 123.

irreversível “condenação”. O fato de ser essencialmente livre torna o indivíduo fadado a “escolhas”. A partir disto, o que surge como questionamento é o nível de eticidade responsável que possa se desenvolver concomitante o conjunto das escolhas humanas.

Vivemos numa época atingida visceralmente pelas novas descobertas humanas, sobretudo pelas consequências da aplicação do saber à técnica, que consagrou a tecnologia como a mais notória característica do mundo contemporâneo. As tecnologias de informação e comunicação passaram a compor o universo desafiador frente ao qual o homem precisa se posicionar para superar as suas próprias limitações, principalmente aquelas que estão ligadas aos seus processos de elaboração de pensamento e raciocínio, formação de juízos e entendimentos.

Entre as situações limitadoras da humanidade pode-se destacar que o indivíduo precisa dominar técnicas (em parte ou totalmente) se pensa em garantir uma ação incisiva sobre a realidade: habilitar-se no âmbito da *lecto-escritura* (saber ler e escrever), no âmbito social, compreender a sociedade na qual vive e as suas relações subjacentes e, por fim, habilitar-se no campo tecnológico, aprender a interagir com máquinas complexas. Correndo o sério e efetivo risco de ficar de fora da circularidade da informação e, conseqüentemente, deixar de crescer gradualmente na direção de um aprimoramento de sua existência, caso fique de fora desses âmbitos que exigem superação de seus próprios limites.

Entretanto, a questão das escolhas que supõe uma “responsabilidade ética” evidencia a dignidade humana inteiramente implicada pela “viabilidade técnica”. Se existe progresso da técnica e da ciência, pode-se também pensar que seja uma conseqüente e necessária realidade o progresso e o desenvolvimento humano? Não parece ser positiva a resposta a este questionamento, pois o que se constata no mundo de hoje, junto à eferescência de sempre novas tecnologias, é um progressivo crescimento de uma mentalidade da descartabilidade. E, o que é pior, parece encontrar espaço nas mentes e ações humanas certa “cultura da prescindência” (Hugo Assmann), onde o progresso vai cumprindo os ditames da livre-iniciativa e da competitividade, sem levar em conta o imenso contingente de seres humanos visivelmente inaptos diante das exigências apresentadas, prescindindo de todos eles.

Mas, com todos os avanços aos quais assistimos, com os quais interagimos, e nos quais, muitas vezes, nos inserimos, é possível que a *sabedoria* não seja relegada ao nível do supérfluo pela ciência. Trata-se de, sentindo o futuro obnubilado pela “clareira” tecnocrática, sermos cientes de que o gradual crescimento do nível de saber é acompanhado pela insistente consciência da grandiosidade, da imensidão do universo do não-saber. Para assumir concretamente a própria existência, a humanidade precisa admitir que alijar a contradição e a dor do cotidiano da vida é uma ilusão e que elas devem ser afrontadas dentro do próprio dinamismo de viver com atitudes que subsidiem um efetivo crescimento do ser humano. E nisso emerge com vigor a espiritualidade e a religião como recursos humanos fundamentais que poderão fomentar integralmente a saúde humana e social.

Referências

- ASSMANN, Hugo. *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo. *O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2012: Texto-Base*. Brasília, Edições CNBB, 2011.
- FRANCISCO. *Carta encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social*. Assis. 03 out 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html#_ftnref284> – Acesso em 12 mai. 2023.
- _____. *Carta encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum*. Roma. 24 mai 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html> – Acesso em 12 mai. 2023.
- _____. *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” do Papa Francisco sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. Roma. 24 nov. 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html> – Acesso em 12 mai 2023.
- HALÍK, Tomás. *Toque as feridas: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação*. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade Paliativa: a dor hoje*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Salvifici Doloris do Sumo Pontífice João Paulo II*. Roma. 11 fev 1984. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html> – Acesso em 15 mai 2023.
- MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei José Gomes. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *REBEn*. 65 (2) Abr 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000200024>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/tXdvKWGpyYDfKwCWMDHW3ZG/#>> – Acesso em 15 jun 2023.
- NETO, Francisco Lotufo; JUNIOR, Zenon Lotufo; MARTINS, José Cássio. *Influências da Religião sobre a Saúde Mental*. São Paulo: ESETec, 2009.
- PESSINI, Leo. *Espiritualidade e arte de cuidar: O sentido da fé para a saúde*. São Paulo: Paulinas/ Centro Universitário São Camilo, 2010.
- PESSINI, Leo; BARCHIFONTAINE, Christian de P. de. (orgs.). *Buscar sentido e plenitude de vida: bioética, saúde e espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- SILVA, Antonio Wardison et al. (org.). *Antropologia teológica: pensar o humano na universidade*. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.
- TRINDADE, Karine Araújo et al. Spirituality and Health: a look through different social actors. *Research, Society and Development, [S. l.]*, v. 11, n. 2, p. e41311225874, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i2.25874. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25874>. Acesso em: 17 mai. 2023.
- VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.). *A espiritualidade no trabalho em saúde*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

Submetido em: 31/07/2023

Aprovado em: 17/11/2023